



Joop van Wijk-Voskuijl
e Jeroen De Bruyn

O



último



segredo



de



Anne



Frank



A história não contada de Anne
Frank, de sua protetora silenciosa
e de uma traição em família

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Joop van Wijk-Voskuijl
e Jeroen De Bruyn

O último segredo de Anne Frank

A história não contada de Anne Frank,
de sua protetora silenciosa
e de uma traição em família

Tradução

Claudio Carina

Revisão técnica

Bruno Leal Pastor Carvalho

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Jeroen De Bruyn e Joop van Wijk-Voskuijl, 2015.

Copyright em língua inglesa © Bep Voskuijl Producties BV, 2018, 2023.

Inspirado em *Anne Frank: The Untold Story*, publicado em 2018 pela Bep Voskuijl Producties BV, originalmente publicado em holandês em 2015 por Prometheus/Bert Bakker com o título *Bep Voskuijl: Het Zwiigen Voorbij*.

Trechos de *The Diary of a Young Girl: The Definitive Edition*, de Anne Frank, editado por Otto H. Frank e Mirjam Pressler, traduzido por Susan Massotty, copyright da tradução © Penguin Random House LLC, 1995. Utilizado com permissão da Doubleday, uma marca do Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC. Todos os direitos reservados.

Trechos de *The Diary of Anne Frank: The Revised Critical Edition*, de Anne Frank, copyright para todos os textos de Anne © Anne Frank Fonds, Basel/Suíça, 1986, 2001.

Copyright da tradução inglesa © Doubleday, uma divisão da Random House LLC (Nova York), e pela Penguin Books, Ltd (Londres), 1989, 2003. Utilizado com permissão da Doubleday, uma marca do Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Copyright da tradução brasileira © Claudio Carina

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Last Secret of the Secret Annex: The Untold Story of Anne Frank, Her Silent Protector, and a Family Betrayal*

Preparação: Cássia R. Oliveira

Revisão: Ana Maria Fiorini e Valquíria Matiolli

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Fabio Oliveira

Imagem de capa: Passport photos Anne Frank, 1939/Wikimedia Commons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wijk-Voskuijl, Joop van

O último segredo de Anne Frank : A história não contada de Anne Frank, de sua protetora silenciosa e de uma traição em família / Joop van Wijk-Voskuijl, Jeroen De Bruyn; tradução de Claudio Carina ; revisão técnica de Bruno Leal Pastor Carvalho. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

304 p.

ISBN 978-85-422-2659-1

Título original: The Last Secret of the Secret Annex

1. Holocausto judeu (1939-1945). 2. Guerra Mundial, 1939-1945. 3. Frank, Anne, 1929-1945.

I. Título. II. Bruyn, Jeroen De. III. Carina, Claudio. IV. Carvalho, Bruno Leal Pastor.

24-1199

CDD 940.5318

Índice para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu (1939-1945)



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

POR TRÁS DA ESTANTE DE LIVROS

Em um ano típico, cerca de um milhão de pessoas percorrem as bem cuidadas margens do canal Prinsengracht, em Amsterdã, a caminho de um depósito comum no número 263. Lá dentro, sobem uma escada íngreme, passam por um estreito corredor de escritório e se deparam com uma estante de madeira desgastada, que é também o portal para um mundo secreto.

Ao girar nas dobradiças, a estante revela uma passagem. Os visitantes entram em um labirinto de cômodos apertados, onde tentam imaginar como seria ser Anne Frank: o medo incessante, as réstias de luz diurna, a castanheira em frente à janela, o garoto no andar de cima, os risos abafados, o tédio, as discussões, a esperança obstinada. E a decisão de anotar tudo, de registrar aquela voz, ao mesmo tempo ingênua e madura e várias vezes muito engraçada. Uma voz que até hoje nos fala.

Quase todos os anos, eu mesmo faço uma peregrinação à Casa de Anne Frank. Torno-me um desses milhões de visitantes do Anexo Secreto. Quando faço isso, penso em Anne, é claro, e na sua família e nos outros quatro judeus que lá se esconderam, bem como nos 28 mil judeus que se escondiam na mesma época em outras partes da Holanda. Mas também penso em Johan Voskuil, meu avô

materno, o homem que construiu a estante e a instalou, em total sigilo, no verão de 1942. Fico imaginando o que levou um holandês tão comum a fazer algo tão extraordinariamente perigoso. O que o fez arriscar a vida para esconder judeus, quando tantos de seus compatriotas os delatavam à Gestapo?

Os números nunca ficam mais fáceis de aceitar. Setenta e cinco por cento dos judeus holandeses foram assassinados no Holocausto, conferindo à Holanda a maior taxa de mortalidade de todos os países da Europa Ocidental ocupados pelos nazistas. Apenas 5 mil dos 107 mil judeus holandeses mandados para os campos de concentração conseguiram voltar com vida. Um desses poucos “afortunados” foi o pai de Anne, Otto Frank. Ele tinha cerca de um metro e oitenta de altura — lembro-me dele bem mais alto que eu quando menino —, mas pesava menos de 52 quilos quando saiu de Auschwitz.

Quando voltou para Amsterdã, Otto sabia que sua esposa tinha morrido. “Toda a minha esperança são as crianças”, escreveu em 1945 para a mãe, que morava na Suíça. “Apego-me à convicção de que elas estão vivas e que voltaremos a ficar juntos.” Enquanto esperava por notícias sobre Anne e a filha mais velha, Margot, Otto fez uma visita ao meu avô, então acamado. Johan estava com câncer de estômago; tinha apenas alguns meses de vida.

Muitas vezes meus pensamentos voltam àquele momento, para o encontro de dois pais à beira de um abismo. Penso no desalento que deviam sentir e me pergunto que consolo, se é que algum, eles poderiam ter obtido um do outro. Teriam trocado um aperto de mãos? Teriam se abraçado? O que teriam dito? Teriam falado sobre quem poderia tê-los traído? Será que Otto falou a Johan sobre sua preocupação com Bep e sua intenção de fazer o que acabou fazendo: cuidar da minha mãe depois da morte de Johan, tornando-se uma espécie de segundo pai?

Quando entro no Anexo, volto a ser invadido por perguntas como essas. Passei toda a minha vida dirigindo-as somente a mim

mesmo, e agora, aos 73 anos, quero as respostas, quero chegar o mais perto possível da verdade, mesmo que ela resulte incômoda. Agora finalmente estou preparado para entender a história de Anne Frank junto à da minha família, preparado para ver o Anexo Secreto pelos dois lados da estante. Meu objetivo é desvendar um mistério que nos uniu, um mistério que atormentou a vida da minha mãe e abriu um rombo na nossa família que até hoje não foi reparado.

Um fantasma na confeitaria

Minha mãe foi uma surpresa — ou o que se poderia chamar de acidente.

Quando minha avó, Christina Sodenkamp, descobriu estar grávida, no inverno de 1918, aos dezenove anos, ela se sentia jovem demais para ter um filho. Namorava Johan Voskuijl, de 26 anos, havia apenas alguns meses, e nunca tinham falado sobre casamento. Não estavam apaixonados e mantinham um relacionamento beligerante, que se acirraria com o tempo. Mas o que se poderia fazer? Naquele tempo, nas boas famílias, não havia escolha. Assim, Johan e Christina tornaram-se marido e mulher, fazendo seus votos em Amsterdã, sua cidade natal, em fevereiro de 1919. Minha mãe, Elisabeth Voskuijl, nasceu alguns meses depois, em 5 de julho.

Uma bebê rechonchuda, com cara de lua cheia e lindos lábios plissados, ela às vezes era chamada de “Bep”, para abreviar, e às vezes de “Elli”. Passado algum tempo, o nome “Bep” prevaleceu e continuou com minha mãe pelo resto da vida. Assim, quando imaginou uma futura edição publicada do seu diário, Anne deu à minha mãe o pseudônimo de “Elli”, e foi quase como se tivesse ativado um alter ego que se mantivera adormecido desde o início da vida de Bep.

Os primeiros anos da vida de minha mãe foram relativamente idílicos, em comparação ao que viria a seguir. Embora o pai não tivesse escolaridade formal, Johan era um autodidata, bom com

números e muito trabalhador. Aprendeu contabilidade sozinho lendo livros didáticos e fazendo cursos por correspondência. Em 1920, conseguiu um emprego estável como contador, o que possibilitou criar sua crescente família com relativo conforto. A segunda filha, Annie, nasceu em 1920, seguida por mais três meninas: Willy, em 1922; Nelly, em 1923; e Corrie, em 1924.

Apesar de todas essas bocas para alimentar, em 1926, quando Bep tinha sete anos, a família estava numa situação financeira estável o suficiente para se mudar do triste bairro de classe trabalhadora em que moravam para um espaçoso apartamento no segundo andar de uma casa de esquina na Fraunhoferstraat, em Watergraafsmeer, um bairro residencial arborizado na zona leste de Amsterdã.

Por alguns anos, minha mãe teve uma infância de conto de fadas na Holanda: com roupas bonitas para usar na escola e comida saudável na mesa. Igreja aos domingos. Férias de verão na praia com as amigas. No entanto, a vida na casa dos Voskuijl nunca foi exatamente afetuosa e aconchegante. Johan era um pai severo; produto da Igreja Reformada Holandesa, exigia que os filhos ficassem em silêncio durante as refeições, pois a comida era vista como uma dádiva de Deus. Seus atos de bondade não se expressavam em palavras, mas em ações. Carpinteiro talentoso, habilidoso e paciente, adorava construir complexos aviões de madeira e outros brinquedos para presentear os filhos nos aniversários. “O que os olhos do papai viam, suas mãos podiam construir”, costumava dizer minha tia Willy.

Minha mãe era boa aluna, principalmente em matemática e holandês. Tinha herdado a memória fotográfica de Johan e seu dom para a matemática, conhecimentos que seriam úteis mais tarde. Era muito estudiosa, fazia suas tarefas semanais e adorava brincar na rua com as crianças do bairro.

Uma dessas crianças era um garoto chamado Jacob. Tinha mais ou menos a idade de Bep e morava dois andares abaixo dos Voskuijl, num apartamento atrás da drogaria e confeitaria da sua

família, chamada Nabarro, que ocupava o andar térreo do prédio. Anos depois da guerra, passei com minha mãe pela antiga casa na Fraunhoferstraat. Ela me disse que a vitrine da loja — então ocupada por uma oficina de pintura — antigamente ostentava bandejas de doces, e que ela brincava de esconde-esconde embaixo delas. Ainda me lembro do estranho brilho vítreo que ela tinha nos olhos ao me contar essa história.

Quando os nazistas invadiram a Holanda, em 1940, a polícia de Amsterdã compilou, a pedido dos invasores, uma lista de todos os estabelecimentos comerciais de propriedade de judeus na cidade. Não se esqueceram de incluir a confeitaria Nabarro. Primeiro, não judeus foram obrigados a boicotar a loja. Pouco depois a confeitaria fechou. Em 1942, Jacob, sua irmã mais nova, Selma, e os pais foram embarcados num trem rumo ao campo de trânsito de Westerbork, e de lá deportados para Auschwitz, onde todos foram assassinados. A família imediata de Jacob não foi o único ramo da árvore a ser cortado. O avô e duas tias foram mortos numa câmara de gás em Sobibor; três de seus tios e mais uma tia morreram em Auschwitz. Treze dos primos também foram mortos em campos de concentração.

Não sei bem se minha mãe sabia exatamente o que tinha acontecido com a família de Jacob, nem se estava pensando neles quando me contou que costumava brincar embaixo das prateleiras de doces. Mas menciono esta história para dizer de antemão que quem conhece a história do Holocausto na Holanda somente a partir de Anne Frank pode ter uma falsa ideia do que aconteceu aqui.

Como explicou um dos sobreviventes holandeses do Holocausto anos depois da guerra, o diário de Anne Frank na verdade serviu como um tremendo “exercício de relações públicas” para a Holanda, dando às pessoas a impressão equivocada de que “todos os judeus ficaram escondidos e toda a população holandesa estava na Resistência” — fazendo essencialmente o que minha mãe fez, arriscando o pescoço para salvar os vizinhos judeus sob as barbas dos

perseguidores nazistas, os verdadeiros “vilões”. Na verdade, como disse o historiador holandês Geert Mak, a realidade escondida por tanto tempo atrás das nossas “fachadas limpas e vasos de flores” é muito mais controversa.

Os alemães orquestraram o Holocausto na Holanda, mas foram os holandeses que o executaram “com a precisão de um relógio”, nas palavras de Adolf Eichmann. Os historiadores revelaram todo o escopo do nosso colaboracionismo, que uma estimativa diz ter envolvido cerca de meio milhão de cidadãos. Em comparação, nunca houve mais de sessenta oficiais alemães em Amsterdã durante a ocupação (embora o grande número de soldados recrutados conferisse aos alemães uma presença mais visível). Isso significa que, em números, foram os holandeses que mais prenderam judeus, com burocratas holandeses produzindo os mapas e as listas indicando suas localizações e escriturários holandeses confiscando seus bens e carimbando *J* em documentos de identidade. Nas noites em que havia batidas, o Departamento Municipal de Transportes de Amsterdã disponibilizava bondes especiais para transportar os judeus dos pontos de apreensão até a estação central, e a *Nederlandse Spoorwege*, a principal companhia ferroviária holandesa, operava trens noturnos com destino a *Westerbork* e à fronteira alemã. Se algum funcionário público ou condutor se recusou a trabalhar nesses turnos, esse fato não foi anotado nos registros oficiais.

Com exceção de alguns casos heroicos, os policiais holandeses aceitaram com entusiasmo a nova função de caçadores de judeus. “Em relação à Questão Judaica”, disse em 1942 o austríaco Hanns Albin Rauter, chefe da SS em Amsterdã, a seu superior Heinrich Himmler, “a polícia holandesa se comporta de maneira notável, capturando centenas de judeus, dia e noite.” Outro oficial da SS, Willy Lages, nome que se tornará importante na nossa história, estimou depois da guerra que sem o auxílio da polícia holandesa “nós não teríamos conseguido prender nem dez por cento dos judeus”.

Tempos difíceis

E, assim, volto à pergunta de Jeroen quando menino: *Por quê?* Talvez nunca tenhamos uma resposta totalmente satisfatória, mas, para começar a elaborar uma explicação, a entender o que aconteceu com os Frank, com a família de Jacob e com a minha família, precisamos voltar ao período anterior à guerra, aos anos 1930, quando a vida normal começou a se deteriorar.

Anne Frank nasceu em 12 de junho de 1929. Quatro meses depois, a bolsa de valores de Nova York quebrou, afundando o mundo inteiro numa crise econômica. No início dos anos 1930, quase um em cada cinco habitantes de Amsterdã estava desempregado. Os cortes no serviço social causaram greves, tumultos e pedras arremessadas. A família de Bep não foi poupada: Johan perdeu seu emprego fixo. Com o pai desempregado, Bep teve de abandonar a escola aos doze anos para ajudar a cuidar dos irmãos — seu único irmão, Joop, de quem recebi o nome, tinha nascido em 1928; as irmãs mais novas, as gêmeas Diny e Gerda, nasceriam em julho de 1932.

Bep passou a maior parte da adolescência cuidando das crianças, e nas horas vagas trabalhava como camareira, garçõete de uma cafeteria e balconista de uma padaria — qualquer coisa que contribuísse com uns poucos florins para as despesas da casa. Eu cresci ouvindo histórias sobre a triste pobreza daqueles anos, ainda mais agravada pela lembrança de como as coisas *eram antes*. A família teve de se mudar do belo apartamento em cima da confeitaria para um apartamento de quatro cômodos na Lumeijstraat, em um sombrio bairro operário na zona oeste de Amsterdã. O lugar já seria pequeno para uma família de cinco pessoas, mas para uma família de dez era um absurdo.

Toda semana, Johan ia envergonhado até o centro de auxílio aos pobres carregando uma das gêmeas em cada ponta da bicicleta. Lá, recebia uma caixa contendo pão, manteiga, açúcar e granulado de

frutas (*vruchtenhagel*, em holandês), bastante usado como recheio de sanduíche, para não se comer só o pão puro. À medida que a Grande Depressão avançava, os benefícios do governo iam sendo cortados. A inflação aumentou. Os Voskuil tentavam apertar cada mais o cinto. Não havia mais dinheiro para roupas novas, toalhas ou panos de prato. O sabonete nunca era suficiente e havia apenas uma esponja áspera para se lavar. As gêmeas dormiam juntas numa cama de solteiro; quando fazia muito frio, usavam o casaco do pai como cobertor. Para economizar eletricidade, acendiam velas para iluminar a casa à noite.

Todo o dinheiro que a família conseguia obter era gasto em alimentação. Christina fazia de tudo para economizar na cozinha, preparando pratos frugais como ensopados de batata com pedacinhos de linguiça para dar sabor. Johan ficava com metade da panela, e o restante era dividido igualmente entre a mulher e os filhos. Mais tarde, as filhas lembrariam que, mesmo nos dias mais terríveis da Grande Depressão, as refeições preparadas por Christina eram sempre saborosas, mesmo que nunca houvesse o suficiente para todos. À medida que os anos 1930 avançavam, eles pareciam ter cada vez menos. E Johan tinha pouco a oferecer em termos de esperança. Simplesmente cerrava os dentes e dizia aos filhos: “Nós precisamos seguir em frente”.

Não só na Holanda as pessoas foram forçadas a viver no limite. Na Alemanha do começo dos anos 1930, Otto Frank viu se dissolver tudo aquilo que outrora representara para ele o seu país. Proprietária de um pequeno banco, sua família estava enraizada na classe alta da comunidade judaica de Frankfurt. Judeu liberal e secular, Otto não teve uma educação religiosa e se sentia, sobretudo, cidadão alemão. Orgulhava-se de ter servido como oficial da infantaria na Primeira Guerra Mundial, e acreditava ter conquistado seu lugar no país e ter ali o futuro da sua família.

Não sendo um homem bairrista em essência, em vez de criar as duas filhas no privilegiado enclave judeu de Frankfurt, junto à mulher, Edith, decidiu se mudar para o bairro mais rural, mais plenamente de classe média alemã, de Marbachweg, onde moravam pouquíssimos judeus. De início, foram felizes, porém, no começo dos anos 1930, a fortuna da família declinou vertiginosamente. Com a quebra do mercado de ações, o banco da família Frank perdeu 90% de suas receitas. As condições econômicas pioraram por toda a Alemanha, com aumentos de impostos, desemprego, cortes nos serviços de seguridade social. Tudo isso deixou as pessoas com raiva, explorada por Adolf Hitler. A participação dos nacional-socialistas nas eleições na Alemanha aumentou de meros 3%, um ano antes da quebra do mercado de ações, para 37%, no verão de 1932.

De uma cortesia infalível, Otto não gostava de reclamar, nem mesmo quando a vida na Alemanha ficou difícil. Seria o último a lançar um olhar reprovador ou proferir uma palavra indelicada contra o antissemitismo. Dizia que no início dos anos 1930 sua família não tinha sido discriminada pelos vizinhos de Marbachweg. Mas o senhorio dos Frank era membro do Partido Nazista, e os amigos na vizinhança mais tarde lembrariam que a família se sentia ameaçada ali, e que as meninas tinham medo das tropas de choque que passavam marchando e cantando hinos nazistas. No começo dos anos 1930, eles se mudaram do bairro e foram morar com a mãe de Otto, no centro de Frankfurt. Mas os problemas não pararam por aí.

Em janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha. Quase de imediato, começaram os indícios do que estava por vir. Na primavera, foi aberto o primeiro campo de concentração em Dachau. O governo decretou um boicote nacional aos comerciantes judeus. Em Berlim, estudantes queimaram milhares de livros de autores judeus. Otto podia ver, nas pequenas coisas, que as políticas antissemitas de Hitler já afetavam sua família. A filha mais velha, Margot, passou a ser segregada das arianas na escola, e contou que só podia se sentar no canto da sala de aula com as colegas judias.

A filha mais nova, Anne, estava para ingressar no jardim da infância. Que espécie de infância ela poderia esperar na Alemanha nazista?

Otto afinal decidiu que chegara o momento de começar de novo. Uma vida nova, em outra cidade. A família tinha boas razões para escolher Amsterdã: Otto havia passado parte dos anos 1920 na cidade, trabalhando no banco da família. Seu holandês era razoável e ele ainda tinha contatos de negócios por lá. Era seguro? Bem, a Holanda fazia fronteira com a Alemanha, mas para os europeus daquela época o país parecia tão politicamente neutro e isento de conflitos quanto a Suíça. Os holandeses não lutaram na Primeira Guerra Mundial e tinham conseguido ficar à margem de todos os conflitos continentais do passado recente. Acima de tudo, os judeus sempre foram uma presença visível e aceita em Amsterdã, onde viviam em relativa paz.

Teoricamente, Otto tinha outras opções — contava com parentes e conexões na França, na Grã-Bretanha, na Suíça e nos Estados Unidos, mas precisaria de um visto de residente para imigrar para qualquer um desses países, e para isso teria de arranjar alguma maneira de ganhar dinheiro. Achou que poderia conseguir isso em Amsterdã. O cunhado de Otto, Erich Elias, mantinha contato com uma fábrica em Frankfurt que produzia pectina, um aditivo alimentar usado para engrossar geleias e compotas, e o vendia aos consumidores sob a marca Opekta. Elias tinha aberto recentemente uma filial da Opekta na Suíça, e acreditava que Otto poderia replicar seu sucesso nos Países Baixos. Isso exigiria de Otto ensinar às donas de casa holandesas, que preparavam suas geleias havia gerações, uma maneira nova e aprimorada de fazer as coisas. Sim, era um negócio difícil, mas seria dele. E o mais importante: permitiria a ele tirar a família da Alemanha.

Almoço na Merry*

Ao completar dezesseis anos, minha mãe já não parecia tão menina, mas sim a mesma jovem discreta e robusta retratada nas exposições da Casa de Anne Frank. Tinha um sorriso tímido, carinha de coruja e lindos olhos azul-esverdeados parcialmente ofuscados pelos óculos que usava. Usava fitas nos cabelos cacheados e ruge nas bochechas. Talvez não fosse uma beldade, mas tinha uma cabeça boa — e bom senso para perceber que a estava desperdiçando, trocando fraldas na Lumeijstraat. Quando se via no corredor escuro e sem janelas, ajudando as irmãs mais novas a estudar as conjugações de verbos em holandês à luz de velas, não conseguia deixar de sentir que poderia fazer muito mais da própria vida.

Bep resolveu seguir o exemplo do pai e aprender um ofício. Em 1937, matriculou-se no Instituut Schoevers, uma escola noturna para meninas e mulheres interessadas em se formar em secretariado. Aos dezoito anos, obteve certificados em taquigrafia, contabilidade e alemão. Não foi uma reviravolta do destino que a levou a trabalhar na Opekta; a vaga foi anunciada no jornal. Em algum momento da primavera de 1937, Bep foi chamada para uma entrevista no escritório da Opekta no canal Singel, onde ficava a empresa antes de se estabelecer no Prinsengracht. Otto gostou dela de imediato e a contratou como taquígrafa, mas logo suas responsabilidades se expandiram bastante.

Bep ficou feliz por ter encontrado um emprego, mas logo a Opekta se transformou em algo mais. O escritório era formado por um grupo de pessoas unidas tanto pelo afeto quanto por seus deveres profissionais; um grupo que ela mais tarde chamaria de Círculo da Opekta. Almoçava todos os dias com uma colega de trabalho, Miep Gies, uma austríaca miúda de vinte e tantos anos que cuidava

* Merry é como a Anne Frank chamava a praça Merwedeplein, onde ficava o apartamento. [N.E.]

da folha de pagamento e respondia às perguntas dos clientes sobre os produtos. Miep e Bep conversavam sobre tudo: o bonitão Henk do armazém lá embaixo; das irmãs que tanto exigiam de Bep; as escassas perspectivas românticas; e, claro, o patrão.

Bep nunca tinha conhecido ninguém com a mistura de cortesia e generosidade de Otto. Seu forte sotaque alemão e as tentativas imperfeitas de falar holandês só aumentavam seu encanto. Quando Otto a convidou para almoçar no apartamento da família, alguns meses depois de ela ter começado no emprego, Bep não soube bem o que pensar. Miep, convidada habitual para o almoço nos Frank, disse para ela não se preocupar, que não era nenhum tipo de teste — era apenas a maneira do sr. Frank de recebê-la no grupo.

A família Frank morava no Merwedeplein, um novo conjunto habitacional no bairro de Rivierenbuurt, em Amsterdã, onde muitas famílias foragidas da Alemanha tinham se estabelecido recentemente. Cerca de um terço da população do bairro era judia. Os apartamentos de tijolos marrons, com pequenas varandas e persianas de madeira branca, alinhavam-se ao longo de uma praça gramada triangular, onde as crianças brincavam quando o tempo estava bom.

A vida “na Merry”, como Anne o chamava, era confortável. A maioria dos apartamentos fora construída na última década, e tudo parecia novo e limpo, o que o tornava um local ideal para pessoas desenraizadas; uma página em branco. Bep ficou deslumbrada com o apartamento dos Frank: os móveis caros trazidos da Alemanha, o antigo relógio de pêndulo e a biblioteca de Otto, com livros em vários idiomas. Mas nada daquilo parecia antiquado ou ostensivamente requintado, pois havia bonecas, giz de cera e brinquedos infantis espalhados por toda parte. A vida na casa dos Frank parecia girar em torno das filhas: Margot, de doze anos, e Anne, de nove.

As duas filhas de Otto não poderiam ser mais diferentes. Margot fora uma bebê anormalmente tranquila, que dormia a noite toda quase desde que nascera. A bebê Anne, por outro lado, tinha sido difícil — propensa a cólicas, muitas vezes precisando que Otto

massageasse sua barriga por horas até ela voltar a dormir. Margot se tornou uma leitora voraz, introspectiva e um pouco perfeccionista, que pesava cada palavra com muito cuidado, e, por consequência, não falava muito.

Anne, uma vez superada a timidez inicial, não parava mais de falar. A menina de nove anos era um amontoado de contradições: os olhos e o sorriso expressavam muita vitalidade, mas na verdade era uma criança bem adoentada. A mãe a chamava de *Zärtlein* (a frágil). Era muito fraca para a aula de educação física e teve uma série de doenças — de coqueluche a catapora, e um leve problema cardíaco —, que a deixavam acamada por semanas a fio. Arredia entre estranhos, também podia ser direta e enérgica. Quando tinha apenas quatro anos, Anne subiu com a avó num bonde lotado e ficou ofendida por ninguém se levantar. Ela gritou para os passageiros: “Ninguém vai oferecer um lugar para esta senhora?”.

Anne tinha olhos verdes, cílios longos e um adorável sorriso dentuço. Prendia o cabelo escuro atrás com uma presilha. Sua natureza idiossincrática (alguns diriam difícil) explica por que os pais decidiram mandá-la para uma escola Montessori em Amsterdã, onde cada aluno podia expressar sua personalidade e o currículo era adaptado aos seus interesses específicos.

Bep ficou maravilhada com a existência de uma instituição onde a matemática podia ser ensinada como um jogo. Mas boa parte da vida na família Frank parecia um jogo, uma brincadeira. As meninas chamavam o pai de “Pim”, por alguma razão, e Otto escrevia poemas engraçados para os aniversários e contava historinhas inventadas sobre fadas invisíveis — a Paula Boa e a Paula Má —, cujo esconderijo só seria descoberto se as meninas se mantivessem absolutamente imóveis e em silêncio.

Bep adorava a atmosfera e a liberdade da família Frank. Tinha aprendido com Johan a ser recatada — na casa dela, as crianças serviam “para ser vistas, não ouvidas” —, mas, no Merwedeplein, ela aprendeu a participar das conversas. Além disso, tudo lá era

muito *alegre*. A sra. Frank servia saborosos pãezinhos com queijo cremoso e confeitos. A limonada e o leite saíam de uma garrafa, não das pequenas latinhas com que Bep estava acostumada em casa. Cada prato parecia mais sofisticado que o outro, e todos eram servidos sobre numa bandeja giratória, para se girar a travessa e pegar o que quisesse.

Poucas vezes Bep tinha visto comida daquela qualidade. Também não conhecia pais que realmente ouvissem as filhas, quase como se estivessem interessados no que elas tinham a dizer. “Era óbvio que vínhamos de mundos diferentes”, admitiu minha mãe para mim.

Anne sempre adorou as visitas de Bep. Talvez por ter crescido cuidando de tantas irmãs mais novas, Bep sabia exatamente as perguntas certas a fazer para acionar as engrenagens mentais de Anne. Às vezes, Anne passava no escritório da Opekta e brincava com a máquina de escrever de Bep. Dizia que um dia iria ganhar a vida com uma daquelas máquinas. Sonhava em ser jornalista, mas afirmava com muita seriedade que não deixaria suas ambições profissionais a impedirem de ter uma família. Desejava se casar com “o homem dos meus sonhos” e ter muitos filhos. Consigo imaginar o sorriso da minha mãe ao ouvir uma declaração assim daquela criança precoce, a expressão genuína no rosto de Bep que dizia *me conte mais*.

A diferença de idade entre Anne e Bep era de uma década, mas a ligação entre as duas foi instantânea, e logo se tornaria essencial para a sobrevivência de ambas.